

**TECNOLOGIA, TRABALHO E REVOLUÇÃO: ESTUDO SOBRE O  
PROGRESSO TECNOLÓGICO NO MUNDO DO TRABALHO, A PARTIR DE  
HERBERT MARCUSE<sup>68</sup>**

Renê Ivo da Silva Lima\*

**Resumo:** O artigo tem como objetivo apresentar, segundo o pensamento de Herbert Marcuse, algumas implicações sociais do desenvolvimento tecnológico no processo social de produção das sociedades industriais avançadas. Como referência principal utilizamos o segundo capítulo do livro *O homem unidimensional* intitulado de “O fechamento do universo político”. O problema que esta pesquisa levanta é o seguinte: quais foram algumas das implicações sociais do progresso tecnológico no modo de produção das sociedades industriais avançadas? O resultado dessa pesquisa é que algumas das implicações sociais do aperfeiçoamento tecnológico no modo de produção das sociedades industriais avançadas foram 1) a mecanização do trabalho; 2) a assimilação e integração das classes antagônicas e 3) a despersonalização da dominação. A conclusão a que se chega é que o surgimento dessas relações sociais contribuiu para integrar a classe trabalhadora à sociedade estabelecida.

**Palavras-chave:** Mecanização do trabalho; Assimilação e integração das classes antagônicas; Despersonalização da dominação;

**TECHNOLOGY, WORK AND REVOLUTION: STUDY ON  
TECHNOLOGICAL PROGRESS IN THE WOLD OF WORK, FROM  
HERBERT MARCUSE**

**Abstract:** The article aims to present, according to the thinking of Herbert Marcuse, some social implications of technological development in the social process of production of advanced industrial societies. As the main reference we use the second chapter of the book *One-Dimensional Man* entitled “The Closure of the Political Universe”. The problem that this research raises is: what were some of the social implications of technological progress in the mode of production of advanced industrial societies? The result of this research is that some of the social implications of technological improvement in the mode of production of advanced industrial societies were 1) the mechanization of labor; 2) the assimilation and integration of the antagonistic classes and 3) the depersonalization of domination. The conclusion to be draw is that the emergence of these social relations contributed to integrate the working class established society.

---

<sup>68</sup> Este artigo, aqui com algumas alterações, constitui o segundo capítulo da monografia “Alternativas de superação da sociedade unidimensional em Herbert Marcuse: um estudo sobre *O homem unidimensional*”, de minha autoria, defendida em 2017 sob a orientação do prof. Me. John Karley de Sousa Aquino (IFCE).

\* Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas “Atualidade do Pensamento de Herbert Marcuse”. E-mail: reneivo@hotmail.com.

**Keywords:** Mechanization of labor; Assimilation and integration of antagonistic classes; Depersonalization of domination;

## Introdução

“A teoria só é efetivada num povo na medida em  
que é a efetivação de suas necessidades.”  
(Marx)

“Para o homem, enquanto homem, nada tem  
valor a menos que ele *possa* fazê-lo com  
*paixão*.”  
(Weber)

“Fé na filosofia significa a recusa em permitir que  
o medo impeça, de algum modo, a capacidade de  
alguém pensar.”  
(Horkheimer)

A tecnologia<sup>69</sup> é talvez um dos assuntos mais discutidos da sociedade contemporânea, isso porque é considerada uma das relações sociais mais importantes da sociedade capitalista. Uma das provas de sua importância pode ser demonstrada por meio da forma como a sociedade estabelecida organiza suas relações sociais: estas dependem cada vez mais do progresso tecnológico para perpetuar-se. Vários pensadores se debruçaram e ainda continuam se debruçando sobre o tema da tecnologia com o intuito de apresentar suas capacidades, ou seja, as potencialidades nela contidas.

Dentre os pensadores que tomaram o tema da tecnologia como objeto de seus estudos ou apenas como parte de suas pesquisas, existiram aqueles que viam a tecnologia somente como um fator negativo, exclusivamente como um instrumento de dominação. Por outro lado, houve aqueles que compreenderam a técnica apenas como um fator positivo, unicamente como uma ferramenta que pode contribuir com o progresso da humanidade. Mas houve também alguns filósofos que compreenderam o caráter dialético dessa relação social (tecnologia) e recusaram sua compreensão unidimensional<sup>70</sup>.

---

<sup>69</sup> Nesse artigo não fazemos distinção entre os termos “tecnologia”, “técnica” e “progresso tecnológico/técnico”. Aqui esses termos são tratados como sinônimos.

<sup>70</sup> “Compreensão unidimensional” no sentido do indivíduo que “não consegue perceber como um determinado objeto ou relação social pode se transformar no seu contrário, como uma coisa ruim pode se transformar numa coisa boa. Ser unidimensional significa compreender as coisas numa única dimensão,

É justamente entre esses filósofos que se encontra Herbert Marcuse, este apresenta uma teoria crítica da sociedade unidimensional<sup>71</sup> na qual a tecnologia é “vista como processo social”, para ele a técnica não é um objeto desvinculado da totalidade da realidade e nem muito menos neutra. Na sociedade capitalista o progresso tecnológico está a serviço dos interesses da classe dominante e, nessa perspectiva, a tecnologia contribui para a perpetuação da sociedade existente. No entanto, a compreensão que Marcuse faz do progresso técnico não é pessimista, mas revolucionária, pois percebe que a realidade estabelecida é contraditória e que os objetos que a constituem podem vir a tornar-se os seus contrários, quer dizer, a tecnologia que serve à dominação pode transformar-se na tecnologia que serve à libertação.

Com o intuito demonstrar a importância do pensamento de Marcuse e, por conseguinte, sua contribuição para o tema da tecnologia, este artigo tem como objetivo apresentar algumas implicações sociais do desenvolvimento tecnológico no processo social de produção das sociedades industriais avançadas. O problema que esta pesquisa levanta é o seguinte: quais foram algumas das implicações sociais do progresso tecnológico no modo de produção das sociedades industriais avançadas?

Na sociedade capitalista a tecnologia ajuda a desenvolver obstáculos que reduzem a necessidade de uma revolução social e, por conseguinte, a necessidade de superação dessa ordem social vigente. Assim, o que nos levou a desenvolver essa pesquisa foi a importância de contribuir para esclarecer algumas das dificuldades que impedem a classe trabalhadora de destruir a sociedade capitalista e construir uma sociedade comunista.

Desse modo, na primeira seção desse artigo apresentamos o desenvolvimento do processo de mecanização do trabalho nas sociedades industriais avançadas; na segunda seção expomos o desenvolvimento do processo de assimilação e integração das classes antagônicas e, por fim, no terceiro capítulo apresentamos o desenvolvimento do

---

compreender o objeto única e exclusivamente como ele está, mas não como ele poderia e deveria ser” (LIMA, 2017, p. 51).

<sup>71</sup> Sociedade unidimensional é a sociedade estabelecida. É a sociedade que tenta integrar toda e qualquer oposição ao modo de vida existente; é a ordem social que tenta absorver toda e qualquer forma de contestação das relações sociais vigentes; é a organização social que tenta refutar toda e qualquer alternativa de construção de uma sociedade qualitativamente diferente.

processo de despersonalização da dominação. A conclusão a qual se chega é que o surgimento dessas relações sociais contribuiu para integrar a classe trabalhadora à sociedade estabelecida.

## 1 A mecanização do trabalho

Na teoria social de Marx e Engels, a questão da “consciência de classe” é talvez um dos temas mais importantes, fazer com que o proletariado compreenda a necessidade de superar a sociedade capitalista é um ponto fundamental do pensamento marxista, sem consciência revolucionária não há práxis revolucionária. O próprio Marx, na *Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução*, enfatizou a importância da consciência revolucionária da classe proletária. De acordo com Marx, “a teoria também se torna força material quando se apodera das massas” (MARX, 2013, p. 157).

A revolução só pode se efetivar quando o relâmpago do pensamento revolucionário penetrar no solo ingênuo (na consciência) da classe trabalhadora. Dessa forma, reconhecendo-se como sujeito revolucionário e consciente de sua tarefa revolucionária, o proletariado está preparado para destruir a sociedade capitalista e iniciar a construção da sociedade comunista. Para que esse processo de destruição da opressão e construção da libertação seja efetivado, a organização social vigente precisa ser a causa da opressão daquela classe, esta tem de ser a “negação viva” da realidade estabelecida.

Ser a negação viva da sociedade capitalista significa não aguentar mais as condições de vida existente, quer dizer, significa não conseguir mais viver como instrumento de trabalho explorado, significa não suportar mais exercer um trabalho degradante de 12 a 16 horas por dia<sup>72</sup> que não satisfaz as necessidades e nem desenvolve as capacidades dos indivíduos da classe trabalhadora. O sentido de negação viva significa a impossibilidade de suportar uma vida de pauperização, pobreza, miséria, em que faltam mesmo as mercadorias de primeira necessidade (comida, roupa e

---

<sup>72</sup> Ver ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. 1. ed. rev. São Paulo: Boitempo, 2010.

moradia). A negação viva da sociedade é o ser humano cuja existência é a negação da propriedade capitalista e do próprio ser humano<sup>73</sup>.

Portanto, para que a revolução seja realizada e a transformação total do estado de coisas existente venha acontecer, as condições para tal mudança e a consciência dessa alteração devem existir antes da práxis revolucionária, a negação das relações sociais capitalista já deve estar no cérebro da classe trabalhadora. Essa consciência revolucionária antes da revolução é fundamental no que diz respeito à finalidade (emancipação humana) da ação revolucionária, bem como dos meios para se alcançar tais objetivos. Tendo consciência de sua tarefa revolucionária, a classe que faz a revolução recusa toda forma de ação que não esteja relacionada à libertação humana, se protege contra atos desorganizados e inconsequentes de pequenos grupos e adquirem autonomia para fazer acontecer as formas de luta capazes de desenvolver a transição da sociedade capitalista para a sociedade comunista. Essas formas de luta dizem respeito a algumas tarefas que a classe proletária deve exercer:

A teoria marxiana clássica concebe a transição do capitalismo para o socialismo como uma revolução política: o proletariado destrói o aparato *político* do capitalismo, mas conserva o aparato *tecnológico*, submetendo-o à socialização. Há continuidade na revolução: a racionalidade tecnológica, livre das restrições e destruições irracionais, se sustenta e se realiza plenamente na nova sociedade (...) (MARCUSE, 2015, p. 57, grifos do autor).

O aparato político do capitalismo, o Estado, é um produto da sociedade dividida em classes com interesses antagônicos e irreconciliáveis, ele é um órgão que, aparentemente, está acima da sociedade e se afasta cada vez mais dela, sua função é de não permitir que a luta das classes antagônicas tome uma proporção capaz de destruir as próprias classes e a ordem social vigente. Para que não aconteça a catástrofe do aniquilamento dos indivíduos e da realidade estabelecida, “faz-se necessário um poder colocado aparentemente por cima da sociedade, chamado a amortecer o choque e a mantê-lo dentro dos limites da ‘ordem’. Esse poder (...) é o Estado” (ENGELS, 2012, p. 213).

---

<sup>73</sup> “Deve-se insistir na estreita conexão entre os conceitos marxianos de exploração e pauperização a despeito de suas redefinições posteriores, nas quais a pauperização se torna um aspecto cultural ou relativo a ponto de se aplicar também à moradia suburbana com automóvel, televisão etc. ‘Pauperização’ significa a *absoluta necessidade e necessidade* de subverter *intoleráveis* condições de existência e essa necessidade absoluta aparece nas origens de toda revolução contra as instituições sociais básicas” (MARCUSE, 2015, p. 60, nota 15).

Porém, o Estado não é um elemento neutro, sua tarefa não se limita a resguardar os homens e a sociedade, ele é também um aparelho de repressão de uma classe sobre outra classe, mais precisamente um instrumento de dominação brutal do qual a burguesia se serve para oprimir o proletariado. Ainda de acordo com Engels, o Estado é o “Estado da classe dominante e, de qualquer modo, essencialmente uma máquina destinada a reprimir a classe oprimida e explorada” (ENGELS, 2012, p. 221). Esta classe só pode livrar-se desse julgo por meio de uma subversão total das relações sociais estabelecidas, por uma revolução violenta.

A revolução social levada a cabo pela classe trabalhadora deve *abolir*<sup>74</sup> o aparato político da sociedade capitalista (o Estado burguês). Com esse ato revolucionário, a classe trabalhadora *aniquila* o Estado burguês no sentido de que substitui a “força especial de repressão” do proletariado pela burguesia, por uma “força especial de repressão” da burguesia pelo proletariado. Esse processo de substituição do Estado burguês pelo Estado proletário é um aspecto fundamental da “ditadura do proletariado”, período de transição entre a sociedade capitalista e a comunista. Nesse período, “Os trabalhadores só têm necessidade do Estado para quebrar a resistência dos exploradores (...)” (LENIN, 2010, p. 45), o proletariado, organizado em classe dominante, se utiliza da máquina governamental para destruir completamente as relações sociais capitalistas e impedir a classe dominante de retornar ao controle da sociedade. Marx, na sua *Crítica do programa de Gotha*, não deixou de fazer referência a esse período de transição, estágio necessário à construção da sociedade comunista:

Entre a sociedade capitalista e a comunista, situa-se o período de transformação revolucionária de uma na outra. A ele também corresponde um período político de transição, cujo Estado não pode ser senão a *ditadura do proletariado* (MARX, 2012, p. 43, grifo do autor).

Contudo, a ditadura do proletariado, o Estado proletário, começa a *definhar* quando não houver mais classe burguesa a reprimir, quando a resistência dos capitalistas estiver totalmente quebrada e as oportunidades de chegarem ao poder

---

<sup>74</sup> Lenin, no *Estado e a revolução*, utiliza os conceitos “abolir” e “aniquilar” para se referir a destruição do *Estado burguês* pela revolução violenta do proletariado. E utiliza os conceitos “definhar” e “morte” para se referir à *lentidão* e a *espontaneidade* do processo de destruição do *Estado proletário* no estágio de transição (socialismo) entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista.

estejam reduzida à zero é que o estágio de transição do capitalismo para o comunismo começa a *morrer*. Desse modo, a primeira fase da sociedade comunista (o socialismo<sup>75</sup>) dá lugar à fase superior da sociedade comunista (o comunismo) e enfim os homens, as mulheres e a sociedade estarão preparados para realizar o princípio: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades”, isto é, poderão satisfazer suas necessidades e desenvolver suas capacidades.

A destruição do aparato político do capitalismo é uma das tarefas a ser exercida pela revolução socialista, a outra tarefa está relacionada ao aparato tecnológico. Este não é destruído pela revolução, pelo contrário, é por ela conservado; os meios de produção (o aparato tecnológico) são submetidos à socialização, eles não são mais propriedade privada da classe burguesa, são propriedade comum dos membros da classe proletária. A classe trabalhadora organiza e direciona os instrumentos de produção para a conquista de seus próprios interesses, para o desenvolvimento da emancipação humana.

Dessa forma, as forças produtivas não estão mais restritas a conquistar os objetivos da classe burguesa, não estão mais organizadas e dirigidas para satisfazer os interesses dos capitalistas, quer dizer, não visam mais a busca desenfreada pelo lucro; sob o controle dos proletários a sua finalidade é alterada. A revolução violenta quebra as barreiras que restringe o livre desenvolvimento dos meios de produção e agora a sua prioridade é a satisfação das necessidades básicas e o aprimoramento das potencialidades dos trabalhadores. Quanto mais o proletariado toma parte na gestão dos instrumentos de produção, tanto mais constroem as condições da sua libertação.

---

<sup>75</sup> “(...) a diferença entre o socialismo e o comunismo é clara. Ao que se costuma chamar socialismo Marx chamou a ‘primeira’ fase ou fase inferior da sociedade comunista. Na medida em que os meios de produção se tornam propriedade comum, pode aplicar-se a palavra ‘comunismo’, contanto que não se esqueça que é esse um comunismo incompleto. O grande mérito da exposição de Marx é também continuar fiel à dialética materialista e à teoria da evolução, considerando o comunismo como alguma coisa que nasce do capitalismo, por via de desenvolvimento. Em lugar de se apegar a definições escolásticas, artificiais e imaginárias, a estéreis questões de palavras (o que é o socialismo? O que é o comunismo?), Marx analisa o que se poderia chamar de degraus da maturidade econômica do comunismo” (LENIN, 2010, p. 118). As principais características do socialismo são: 1) socialização dos meios de produção; 2) necessidade do Estado proletário (ditadura do proletariado) e 3) igualdade da quantidade de trabalho. As principais características da sociedade comunista são: 1) extinção do Estado e das classes sociais e 2) livre desenvolvimento das necessidades e capacidades dos indivíduos (realização do princípio: “De cada um segundo suas capacidades, a cada um segundo suas necessidades!”).

Segundo Marcuse, “Com certeza Marx sustentou que essa organização e direção do aparato produtivo pelos ‘produtores imediatos’ introduziriam uma mudança *qualitativa* na continuidade técnica: a saber, a produção para a satisfação de necessidades livremente desenvolvidas” (MARCUSE, 2015, p. 58). Entretanto, na sociedade unidimensional, a racionalidade técnica<sup>76</sup> está integrada no aparato técnico produtivo e, por conseguinte, está presente em todas as dimensões da existência – pública e privada. A tecnologia impõe os padrões de pensamento e comportamento da classe dominante. Portanto, a mudança qualitativa dos meios de produção tecnológicos não pode limitar-se a uma alteração da sua organização e direção, mas precisa ser uma transformação da própria estrutura tecnológica.

E tal mudança *pressuporia* que as classes trabalhadoras estão alienadas desse universo em sua própria existência, que sua consciência é aquela da impossibilidade de continuar a existir nesse universo, então que a necessidade por mudança qualitativa é uma questão de vida ou morte. Logo, a negação existe *antes* que a própria mudança, a noção que as forças históricas libertadoras se desenvolvem *dentro* da sociedade estabelecida é um dos pilares da teoria marxiana (MARCUSE, 2015, p. 58, grifos do autor).

Mas é justamente essa consciência revolucionária que as sociedades industriais avançadas – através do fornecimento de um elevado padrão de vida – estão conseguindo reduzir, é exatamente esse pensamento negativo, que recusa as formas de dominação e cria os modos de libertação que a sociedade estabelecida está conseguindo atrofiar. A ampliação do consumo de mercadorias para um número cada vez maior de pessoas torna os indivíduos conformados ao estado de coisas vigente. O conformismo barra o desenvolvimento da imagem de um mundo qualitativamente diferente.

Assim, sob a influência dessa produtividade “todo-poderosa”, a classe trabalhadora está sofrendo uma transformação decisiva, essa mudança está diretamente relacionada com a nova constituição do processo social de produção, ela está ligada às alterações pelas quais o aparato produtivo teve de passar a partir do desenvolvimento da

---

<sup>76</sup> Nas sociedades industriais avançadas o aprimoramento da tecnologia desenvolveu uma racionalidade tecnológica que está presente em todas as dimensões da existência humana, inclusive na dimensão do trabalho. Essa racionalidade é um modo de pensar que está direcionado para a conquista de determinados objetivos, estes interesses não são as aspirações de todos os indivíduos, mas apenas de uma minoria. A racionalidade tecnológica é um instrumento de dominação dirigido para impor os fins determinados pela classe dominante. Para uma discussão mais detalhada sobre o tema ver o trabalho de monografia “Alternativas de superação da sociedade unidimensional em Herbert Marcuse : um estudo sobre *O homem unidimensional*”.



sociedade existente. Um dos fatores que contribui para essa transformação é a mecanização do trabalho. Segundo Marcuse, “A mecanização está reduzindo crescentemente a quantidade e a intensidade de energia física despendida no trabalho” (MARCUSE, 2015, p. 59).

Nas sociedades industriais avançadas, o desenvolvimento da tecnologia introduziu no processo de produção mudanças até então desconhecidas, a invenção de novas máquinas e o aperfeiçoamento dos antigos instrumentos de produção mudaram o modo de trabalho a ser executado. Desse modo, o trabalho físico está sendo substituído pelo trabalho mental, a atividade a ser exercida não depende mais única e exclusivamente da força corporal, agora ela depende em grande parte do “esforço mental”. A tarefa *lógica* ganha cada vez mais espaço no processo de produção daquelas sociedades. Marcuse afirma que,

Dentro do conjunto tecnológico, o trabalho mecanizado, no qual as reações automáticas e semiautomáticas preenchem a maior parte (se não o todo) do tempo de trabalho, permanece, como uma ocupação para toda a vida, uma escravidão exaustiva, imbecilizante e desumana – sempre mais exaustiva por conta do aumento da velocidade do trabalho, controle sobre os operadores de máquinas (em vez do produto), e isolamento dos trabalhadores um dos outros (MARCUSE, 2015, p. 60).

Tal como no século XIX, onde a introdução de máquinas aumentava a quantidade de trabalho, a organização do trabalho nas sociedades industriais avançadas, com sua automatização incompleta, não deixou de ser uma atividade cansativa e monótona, ela ainda é uma tarefa incapaz de desenvolver as capacidades dos trabalhadores. Mas entre a organização do trabalho no século XIX e naquelas sociedades existem diferenças, uma dessas distinções são a automação e a substituição do trabalho físico pelo trabalho mental. Essas diferenças estão estritamente relacionadas e contém seus elementos de dominação e libertação.

A dimensão opressiva da automação está no seu desenvolvimento incompleto, ao qual Marcuse denomina de automação *detida*. Para o filósofo, a forma de trabalho exaustivo “é expressiva da automação *detida, parcial*, da coexistência de setores automatizados, semi--automatizados e não automatizados dentro da mesma fábrica (...)” (MARCUSE, 2015, p. 60). Esse processo de automação reforça ainda mais o aspecto

opressivo da labuta (trabalho exaustivo), pois ele não diminuiu a quantidade de trabalho, pelo contrário, a labuta aumentou significativamente. Isso se expressa tanto pelo aumento da carga horária de trabalho quanto pelo aumento da tarefa exigida num determinado tempo, bem como pelo aumento da velocidade do movimento das máquinas.

Na nova configuração do trabalho, onde predomina o esforço mental, o raciocínio lógico, a manutenção técnica, etc., o trabalho não acaba na indústria, no escritório, ele se estende, na maioria das vezes, para além do local de trabalho, para casa do trabalhador, até a sua moradia. O programador de sistemas operacionais de uma determinada indústria, mesmo fora do seu horário de trabalho, deve estar preparado para resolver um problema inesperado no sistema. Ele deve estar atento e conectado 24 horas ao trabalho por meio dos aparelhos celulares dados pela empresa caso aja necessidade de proteger de uma invasão (vírus) ou pane o programa de funcionamento de um ramo específico da empresa.

O trabalhador das sociedades industriais avançadas, nas quais vige a automação parcial, deve ter uma atenção redobrada no que diz respeito a sua atividade na medida em que tem de verificar, ao mesmo tempo, o funcionamento de vários sistemas e programas; tem de redobrar a sua concentração porque agora precisa controlar, simultaneamente, várias máquinas. Ademais, os seus esforços tem de torna-se mais rápidos, posto que a aceleração do movimento das ferramentas de produção exige uma agilidade maior por parte do trabalhador. Esse é o aspecto repressivo da automação incompleta e do trabalho técnico.

A sua tendência libertadora é o resultado da automação total e do trabalho técnico/tecnológico universal, esses dois elementos inseparáveis poderiam criar as condições para reduzir ao mínimo o tempo de trabalho exaustivo e, por conseguinte, liberar os indivíduos da obrigação de executar uma atividade que não lhes apetece. Esses elementos são essenciais para construção do tempo livre, a dimensão na qual as pessoas não fariam do trabalho e da vida um simples meio de ganhar a própria vida. Na dimensão do tempo livre a vida e o trabalho seriam fins em si mesmos.

No entanto, com a reconfiguração do trabalho nas sociedades industriais avançadas, o modo de trabalhar é alterado, o trabalhador não é mais o ser que transforma a natureza através do instrumento de produção, este conduz todo o processo de trabalho, é a máquina que dá as ordens: o botão que deve ser apertado, o programa que deve ser iniciado, etc. Nesse processo de trabalho, o trabalhador perdeu sua posição inicial, ativa, que o permitia alterar a natureza, a posição que ocupa agora é intermediária, ele apenas vigia a máquina trabalhando<sup>77</sup>. Assim, a autonomia do trabalhador é reduzida, sua criatividade é impedida de se desenvolver.

Enfim, o trabalhador torna-se uma máquina, um instrumento mediador de um sistema de máquinas automático, ele “aparece não mais como aquele que utiliza os meios de produção e os orienta para determinados fins, mas ele se torna o órgão de uma coisa que se move fora dele, de um sistema automático” (PISANI, 2006, p. 603). Essa reorganização do trabalho altera o comportamento e a posição do trabalhador dentro do processo social de produção, a mecanização transformou a deformação do corpo em *estresse* e ampliou a atividade técnica (colarinhos-brancos), cuja remuneração é bem melhor que as dos trabalhadores comuns (colarinhos-azuis). Com isso, o trabalho parece perder o seu caráter degradante, fazendo desaparecer pouco a pouco a noção de que a classe trabalhadora é a “negação viva” da sociedade capitalista. Dessa maneira, Marcuse afirma que

O trabalhador organizado nos setores avançados da sociedade tecnológica vive sua negação menos perceptivelmente e, como os outros objetos da divisão social do trabalho ele está sendo incorporado à comunidade tecnológica da população administrada (MARCUSE, 2015, p. 60).

## 2 Assimilação e integração das classes antagônicas

Outro elemento que contribui de maneira decisiva com a redução da consciência crítica da classe trabalhadora nas sociedades industriais avançadas é a assimilação e integração das classes antagônicas. A tendência assimiladora – que também é um dos produtos da reconfiguração do mundo do trabalho – está diretamente relacionada com a mecanização do trabalho e se expressa através da “estratificação ocupacional”. Esta não

---

<sup>77</sup> Ver o artigo “A ‘máquina’ como instrumento de controle na sociedade tecnológica – Herbert Marcuse crítico da tecnologia”, de Marília Mello Pisani, p. 603-4.

se limita mais a dividir as tarefas segundo a habilidade ou força física de um trabalhador para operar uma determinada máquina, agora, a divisão do trabalho também é teórica.

Nos estabelecimentos industriais-chave, a força de trabalho ‘colarinho azul’ declina em relação ao elemento ‘colarinho branco’; cresce o número de trabalhadores fora das frentes de produção. Essa mudança quantitativa se refere a uma mudança ocorrida nos instrumentos básicos de produção (MARCUSE, 2015, p. 61-62).

O trabalhador colarinho azul são os proletários comuns, sem especialização técnica nem diploma universitário, os empregados que utilizam o esforço de seus corpos para operar o maquinário que ainda precisa da ajuda da força física para funcionar, nas indústrias avançadas eles estão perdendo espaço para o elemento colarinho branco. Estes são os trabalhadores com formação técnica e acadêmica, os funcionários que utilizam o esforço mental, os administradores do processo de produção. Eles são os que planejam os melhores meios para se chegar aos fins predeterminados e impostos pela classe dominante.

Com o desenvolvimento das sociedades industriais avançadas, a mecanização do trabalho e a substituição progressiva da atividade física pela mental, desenvolve-se ao mesmo tempo uma divisão do trabalho entre colarinho azul e colarinho branco e, à medida que progride a mecanização, diminui a quantidade de mão de obra empregada na indústria. O proletário sem formação técnica ou acadêmica está se tornando supérfluo, pois a sua tarefa não é mais decisiva para fazer girar a roda do processo de produção. O colarinho azul está perdendo a sua autonomia profissional, a sua posição de controle nas relações de produção.

Nas grandes indústrias do século XIX, onde ainda não existia a automação tal como existe nas sociedades industriais avançadas e nas quais os técnicos, engenheiros, etc. eram apenas uma minoria sem poder de controle sobre o aparato produtivo, os trabalhadores controlavam o processo social de produção. Essa relação direta com os meios de produção era uma das armas do proletariado na luta de classes contra a burguesia, lhe conferia “autonomia profissional”, o poder de parar a produção por meio da greve de massas. Ao desligar as máquinas e cruzar os braços, a classe trabalhadora usava o tempo fora do trabalho para se organizar contra a dominação e exploração imposta pelos capitalistas. No entanto, nas sociedades industriais avançadas, a situação é um pouco diferente.

À medida que a máquina se torna um sistema de ferramentas e relações e então se estende para além do processo individual de trabalho, ela afirma sua maior dominação ao reduzir a “autonomia profissional” do trabalhador e integrá-lo com outras profissões que sofrem e dirigem o conjunto técnico (MARCUSE, 2015, p. 62).

Conforme o trabalho se torna cada vez mais automatizado e, desse modo, depende cada vez mais dos criadores da automação, dos colarinhos brancos, tanto mais a autonomia dos colarinhos azuis é reduzida. Nessas condições, o controle do aparato produtivo pelos trabalhadores técnicos cresce rapidamente, eles adquirem progressivamente o poder de parar com maior facilidade o modo de produção<sup>78</sup>, a greve como instrumento de luta da classe dominada contra a classe dominante depende também da adesão do colarinho branco<sup>79</sup>. Dessa forma “o trabalhador está perdendo a autonomia profissional que fez dele um membro de uma classe distinta dos outros grupos ocupacionais, porque ela personificava a negação da sociedade estabelecida” (MARCUSE, 2015, p. 62).

Assim, a reorganização do trabalho nas sociedades industriais avançadas, por um lado gera “aceleração do trabalho, desemprego tecnológico, fortalecimento da posição de direção, crescente impotência e resignação por parte dos trabalhadores” (MARCUSE, 2015, p. 63). Por outro lado, desenvolve o fenômeno da assimilação das classes antagônicas, a crescente produtividade e eficiência do trabalho tecnológico permite a empresa conferir benefícios aos próprios trabalhadores. Esses benefícios dão a oportunidade de a classe trabalhadora consumir e usufruir de confortos e artigos de luxo semelhantes aos consumidos pela classe dominante, gerando uma semelhança nas necessidades, nas aspirações e no elevado padrão vida entre as classes irreconciliáveis. Essa assimilação milita contra o pensamento e comportamento revolucionário da classe trabalhadora e, por conseguinte, reduz a necessidade de transformação radical do *status quo*. Segundo Marcuse,

---

<sup>78</sup> Marcuse afirma que os herdeiros históricos do poder material (meios de produção) são “os estratos que, de maneira crescente, ocupam posições de controle no processo social de produção e que podem detê-lo com maior facilidade: os sábios, os técnicos, os especialistas, os engenheiros, etc. Mas não são mais que herdeiros muito potenciais e muito teóricos, visto que ao mesmo tempo são os beneficiários bem remunerados e satisfeitos do sistema; a modificação de sua mentalidade constituiria um milagre de discernimento e lucidez” (MARCUSE, 1993, p. 10-11, tradução nossa).

<sup>79</sup> Com isso, não queremos dizer que a classe trabalhadora não é mais o sujeito histórico da transformação social, o sujeito revolucionário; queremos apenas apresentar os obstáculos que impedem a classe trabalhadora de se reconhecer como esse sujeito.

Essas mudanças no caráter do trabalho e dos instrumentos de produção mudam a atitude e a consciência do trabalhador, que se torna manifesta na amplamente discutida ‘integração social e cultural’ da classe trabalhadora com a classe capitalista” (MARCUSE, 2015, p. 63).

Para Marcuse, a assimilação nas necessidades, nos interesses, no padrão de vida e até mesmo na consciência e atitude das classes dominante e dominada começa no interior do próprio local de trabalho, “*na própria fábrica*”. A organização tecnológica do trabalho nas sociedades industriais avançadas, cuja automação aumenta a produtividade e esta, por sua vez, aumenta a lucratividade pôde, justamente pelo aumento do lucro, conceder “vantagens” que atam os trabalhadores à empresa. “A mesma organização tecnológica que contribui para uma comunidade mecânica no trabalho também gera uma interdependência que integra o trabalhador com a fábrica” (MARCUSE, 2015, p. 64).

Prêmios para o melhor funcionário do mês, ou seja, um bônus no salário para o trabalhador obediente e cumpridor das regras da empresa; um jantar por conta da empresa como forma de reconhecimento e recompensa para o empregado mais produtivo ou um final de semana de lazer com tudo pago pela indústria como forma de agradecer o serviço eficiente do “colaborador”. Essas são algumas das vantagens que predem o trabalhador ao trabalho e que o leva a se preocupar com os rumos da empresa. De acordo com Marcuse, nas empresas “avançadas tecnicamente, os trabalhadores mostram até mesmo um sério interesse pela empresa – um efeito frequentemente observado na ‘participação dos trabalhadores’ na empresa capitalista” (MARCUSE, 2015, p. 64).

Os trabalhadores se empenham em ajudar a indústria a crescer, eles são incentivados a apresentarem suas ideias para melhorar ainda mais a produção, os funcionários pensam em novos meios de aumentar o desempenho profissional de seus companheiros. O trabalhador das sociedades industriais avançadas se preocupa cada vez mais com a produção de propostas que possam garantir os seus bons empregos. O medo de perder as vantagens do trabalho desperta-lhes um interesse em aplicar suas inteligências na resolução dos problemas que afetam de maneira negativa a empresa e põe em risco os seus empregos.

Portanto, o fenômeno da integração torna-se um fator fundamental no que diz respeito à mudança no pensamento e comportamento crítico da classe dominada. A integração da classe trabalhadora à ordem social capitalista reduz o pensamento negativo – que recusa as formas de opressão e compreende as alternativas de libertação – e fortalece a emergência do pensamento unidimensional<sup>80</sup>, dificultando ainda mais a passagem da sociedade capitalista para a sociedade comunista, a passagem da dominação para a libertação.

### 3 A despersonalização da dominação

Outra tendência da organização do trabalho nas sociedades industriais avançadas que contribui para o enfraquecimento do pensamento negativo da classe trabalhadora, dá-se no surgimento do fenômeno da *despersonalização da dominação*. Esta tendência é caracterizada pelo desaparecimento dos agentes de dominação (patrão, dono da fábrica) no interior do local de trabalho, o patrão não ocupa mais uma posição física, palpável, dentro do estabelecimento de trabalho. Essa posição foi substituída pelos administradores da dominação: os gerentes, os supervisores, etc.

O novo mundo do trabalho tecnológico reforça assim o enfraquecimento da posição negativa da classe trabalhadora: esta não parece ser mais a contradição viva da sociedade estabelecida. Essa tendência é reforçada pelo efeito da organização tecnológica da produção sobre o outro lado da parede: sobre a gerência e a direção. A dominação é transfigurada em administração (MARCUSE, 2015, p. 65).

Há uma união entre dominação e administração, a primeira parece transformar-se na segunda, esta parece transformar-se naquela, o patrão deixou de exercer a função de controle, “Os chefes e os proprietários estão perdendo sua identidade como agentes responsáveis; eles estão assumindo a função de burocratas em uma corporativa” (MARCUSE, 2015, p. 65). Nas indústrias do século XIX, o proprietário da fábrica, junto com seu capataz, vigiava constante e diretamente a tarefa do trabalhador dentro do

---

<sup>80</sup> “O pensamento unidimensional é aquela forma de pensamento que se recusa a ver as possibilidades para a libertação ou um melhor modo de vida no interior da sociedade presente. No pensamento unidimensional, a ordem presente das coisas é tomado por necessário e fixo. Não há pensamento de uma ordem social alternativa. Um exemplo disto é o modo como o capitalismo segue sem desafios porque as pessoas não o percebem como um desenvolvimento histórico que pode se tornar obsoleto eventualmente” (MARCUSE, 2015, p. 4, nota 2).

local de trabalho. O chefe era a personificação da punição, a pessoa responsável pela imposição do trabalho penoso.

Logo, os patrões “provocavam e puniam o desejo de revolta; a imposição da conformidade era sua função e responsabilidade pessoal” (MARCUSE, 2015, p. 74). O chefe era o agente da exploração, a condição degradante a qual os trabalhadores estavam submetidos era de responsabilidade total de seu patrão, este era o elemento sob o qual a revolta, a insatisfação deveria ser direcionada. Era relativamente fácil reconhecer, identificar quem era o opressor, este estava à vista dos olhos, ao alcance das mãos, era por causa desse membro da classe burguesa que o trabalhador tinha que ganhar a vida de forma tão exaustiva.

Porém, “Com a racionalização do mecanismo produtivo, com a multiplicação de funções, toda a dominação assume a forma de administração” (MARCUSE, 2015, p. 74). Nas empresas da sociedade existente a “força palpável de exploração” (o capitalista) está desaparecendo por de trás do véu tecnológico. A vigilância e punição dos trabalhadores é executada pela administração da empresa, pelos gerentes, supervisores, etc., eles foram transferidos para a posição que antes era ocupada pelo chefe e se tornaram os falsos opressores, conseqüentemente, o alvo errado do ódio da classe trabalhadora.

A organização do aparato de produção na sociedade existente altera a posição do chefe dentro da empresa, esta não tem mais apenas um dono, mas sim alguns proprietários assumindo a tarefa de burocratas no interior de uma corporativa. O patrão transformou-se num grupo de acionistas em que o primeiro dono da empresa é o que tem mais ações, e o segundo é o que tem menos ações que o primeiro, mas mais ações que o terceiro. Sua função é exercida fora da empresa e o conteúdo de tal tarefa pode ser considerado mais uma diversão do que uma labuta: viagens para estabelecer acordos, jantares para firmar contratos e festas para discutir os projetos da empresa, é agora o “trabalho” dos capitalistas.

Com a ausência do patrão, quer dizer, com a despersonalização da dominação, o objeto ao qual o trabalhador direciona sua revolta também é alterado, a insatisfação é



dirigida para os administradores da dominação<sup>81</sup> ou é canalizada para o vazio, perdendo de vista o alvo do ódio ou encontrando o alvo errado. De acordo com Marcuse, no livro *Eros e civilização*, “O impulso agressivo mergulha no vácuo – melhor, o ódio encontra-se com sorridentes colegas, atarefados concorrentes, funcionários obedientes, (...) que estão todos cumprindo seus deveres e são todos vítimas inocentes” (MARCUSE, 2015, p. 74). A revolta torna-se ineficaz quando acerta o alvo errado ou ainda, nem acerta o alvo.

Portanto, despersonalização da dominação, bem como a mecanização do trabalho e a assimilação e integração das classes antagônicas são fortes tendências da organização do trabalho nas sociedades industriais avançadas que contribuem de maneira decisiva para a redução da consciência revolucionária da classe trabalhadora. Com isso, não se quer dizer que as alternativas de superação da sociedade existente não existam, pelo contrário, elas existem, mas àquelas tendências impedem o seu desdobramento. Essas alternativas são forças internas e externas que, agindo em união, podem superar a sociedade unidimensional.

### **Considerações finais**

Portanto, a organização do progresso tecnológico no modo de produção das sociedades industriais avançadas está direcionada para a manutenção e desenvolvimento do modo de produção capitalista e, por conseguinte, voltada para a perpetuação da sociedade estabelecida. Estruturada de acordo com os interesses particulares da classe dominante, a tecnologia manifesta resultados mais destrutivos do que construtivos.

Sob o controle da classe dominante, a tecnologia tornou possível o aperfeiçoamento cada vez maior e melhor do aparato técnico de produção, o progresso técnico possibilitou a mecanização quase total do trabalho e com isso desenvolveu

---

<sup>81</sup> Os administradores da opressão não são mais do que os empregados bem remunerados da classe dominante, eles organizam os melhores meios de alcançar os fins predeterminados e estabelecidos pelos capitalistas. Eles não pensam sobre as consequências que os fins impostos podem trazer a humanidade, não é sua função questionar os objetivos, sua tarefa consiste em questionar os meios. Dessa maneira, o modo de pensar dos administradores do sistema vigente transforma-se em razão instrumental. “A racionalidade instrumental (compreensão dos melhores meios para alcançar fins pré-determinados) trabalha em vista de fins já decifrados como particulares, trabalha sob o jogo das cartas marcadas e da estratégia dominante que é a de manter a consciência dos subordinados longe dos poderes de alteração (...)” (GADANHA, 2009, p. 14).

relações sociais que impedem a construção da libertação da classe dominada. Um exemplo desses impedimentos é que nas indústrias mais avançadas dos países desenvolvidos o trabalho físico declina em relação ao trabalho mental, a crescente substituição da atividade corporal pela atividade mental parece reduzir o caráter degradante da labuta, alterando, assim, as condições sociais que fazem da classe trabalhadora a negação vida da sociedade estabelecida.

Outro elemento que impede a construção da emancipação da classe trabalhadora são os benefícios conferidos a ela. Por meio da eficiência produtiva do trabalho as indústrias tecnicamente desenvolvidas das sociedades industriais avançadas desenvolvem a assimilação das classes antagônicas. Tais benefícios permitem que a classe dominada usufrua de confortos até então impossíveis de serem adquiridos, com isso o pensamento e comportamento crítico da classe oprimida é reduzido e prevalece o conformismo. Essa assimilação começa na própria fábrica, com a integração do trabalhador ao próprio local de trabalho por meio das vantagens oferecidas pela empresa aos trabalhadores dedicados.

Por fim, outro obstáculo ao desenvolvimento da libertação da classe dominada é a despersonalização da dominação. A ausência da força palpável de exploração (patrão, capitalista) no interior do local de trabalho e sua substituição pela administração da empresa (gerentes, supervisores, etc.) impede que a classe trabalhadora reconheça seu verdadeiro inimigo e direcione sua revolta para o alvo correto. Esses são alguns obstáculos que impedem a classe dominada de efetivar uma práxis com vistas à superação da sociedade existente.

### Referências bibliográficas

ENGELS, Friedrich. Barbárie e civilização. In: \_\_\_\_\_. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FARR, A. L. O Homem unidimensional e a história da Internacional Herbert Marcuse Society. Tradução de Sílvio Ricardo Gomes Carneiro. *Artefilosofia*. Ouro Preto, v. 10, n. 18, pp. 2-16, 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/482/438> Acesso em: 31 jul. 2017.

GADANHA, A. D. “Subjetividade, dissociação não presumida na compreensão dialética de Marcuse”. *Kalagatos – Revista de Filosofia*. Fortaleza, v. 6, n. 12, 2009, pp. 11-20. Disponível em: <http://www.kalagatos.com.br/index.php/kalagatos/issue/view/18> Acesso em: 03 ago. 2017.

LENIN, V. I. *O Estado e a revolução: o que ensina o marxismo sobre o Estado e o papel do proletariado na revolução*. Tradução de Aristides Lobo. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. Tradução de Álvaro Cabral. 8. ed. [Reimpr]. Rio de Janeiro: LTC, 2015a.

\_\_\_\_\_. *O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada*. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015b.

\_\_\_\_\_. Prefacio a la edición francesa. In: \_\_\_\_\_. *El hombre unidimensional: ensayo sobre la ideología de la sociedad industrial avanzada*. Traducción del Antonio Elorza. Barcelona: Planeta-De Agostini, 1993.

MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: \_\_\_\_\_. *Crítica da filosofia do direito de Hegel, 1843*. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

\_\_\_\_\_. *Crítica do programa de Gotha*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2012.

PISANI, M. M. A “máquina” como instrumento de controle na sociedade tecnológica – Herbert Marcuse crítico da tecnologia. In: Congresso Internacional Indústria Cultural Hoje. 1, 2006, Piracicaba, Anais, Piracicaba, p. 1-14.

LIMA, Renê Ivo da Silva. *Alternativas de superação da sociedade unidimensional em Herbert Marcuse: um estudo sobre o homem unidimensional*. 2018. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) – Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2017.2 CD-ROM.

SILVA, R. C. Tecnologia e progresso: dois pontos de vista da teoria crítica. *Pensando – Revista de Filosofia*. Piauí, v. 4, n. 7, 2013, pp. 55-69. Disponível em: <http://www.ojs.ufpi.br/index.php/pensando/article/view/1447/1072> Acesso em: 23 jul. 2017.